

GRUPO OFICINA DO AMOR: UM CONJUNTO DE BENEFÍCIOS PARA UM CONJUNTO DE BENEFICIADOS.

*Nilza Souza Reis*²⁴⁹
*Odécio Dandaro Junior*²⁵⁰

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de refletir o quanto a atividade do Oficina do Amor, pode ajudar os trabalhadores que a executam.

A atividade em si pode ser considerada um tratamento para os seus assistidos que são também, os próprios trabalhadores que a executam.

Dependendo da amplitude de comprometimentos e compromissos com esta região amazônica, os trabalhadores envolvidos nesta atividade, podem ser levados a refletir sobre suas atitudes, sofrendo um processo de autotransformação que os aproxima cada vez mais do exercício do amor, promovendo a reforma íntima.

A metodologia utilizada para a reflexão neste artigo será a de levantar a forma como as atividades são desenvolvidas, ligando-as aos benefícios que podem trazer aos seus beneficiados (trabalhadores-assistidos).

1. OFICINA DO AMOR: INÍCIO, OBJETIVOS E DINÂMICAS DA ATIVIDADE

1.1 Como tudo começou

A ideia de se criar um grupo para atuar junto aos ribeirinhos surgiu quando três amigas decidiram se reunir para confeccionar artesanato, cuja renda seria doada a uma instituição que trabalhasse com crianças carentes. Estas amigas se reuniam nas tardes de sábado e alegremente confeccionavam as peças, muitas vezes em companhia dos familiares daquela que as recebiam.

Em uma dessas tardes, a reunião estava com ares mais festivos do que o normal e isto chamou a atenção de uma delas, que interrompeu seu trabalho, para observar o ambiente. E uma voz lhe sussurrou na acústica da alma: “*é uma verdadeira Oficina do Amor*”. E isto ficou registrado não apenas em sua memória, mas em seu coração.

Alguns meses depois, um familiar que visitava a família, comentou sobre a carência em que vivia a população ribeirinha. Daí surgiu a ideia de se formar um grupo para levar, no mês de dezembro, cestas básicas e brinquedos para aqueles que vivem às margens dos rios Amazônicos. Estas reuniões aconteceram por dois anos, até a realização da primeira viagem.

O Oficina do Amor realizou sua primeira viagem em dezembro de 1996. Surgiu como um grupo ecumênico e assim seguiu até seu décimo ano, quando o barco que transportava o grupo quase virou. Em virtude do quase acidente, o grupo se desfez, ficando apenas uma integrante que não se permitiu desistir e, sendo trabalhadora da Fak, iniciou aí a busca por novos integrantes.

A partir daí, começou na atividade um processo de transformação, passando a ser formado apenas por trabalhadores espíritas servindo assim como mais um

²⁴⁹ Trabalhadora da Fundação Allan Kardec – Manaus/AM.

²⁵⁰ Trabalhador da Fundação Allan Kardec – Manaus/AM.

laboratório do exercício do Amor, para os trabalhadores da Fak, fora dos muros da Instituição.

Inicialmente, era realizado apenas o “Natal dos Ribeirinhos”, no mês dezembro. Alguns anos depois, diante das necessidades geradas pelas cheias frequentes, passou-se a realizar mais uma viagem, no meio do ano. Tais visitas se voltavam a atender os irmãos dos rios Amazonas, Madeirinha e Solimões.

1.2 Objetivos da Atividade

Com o amadurecimento da equipe, foram delineados os objetivos da atividade, que são de possibilitar o amparo aos que vivem nas comunidades ribeirinhas, nas margens dos rios do Amazonas, por meio da mobilização de pessoas de boa vontade, incentivando-as a doarem um pouco de seu tempo, do seu carinho e da sua amizade, formando-se uma rede de solidariedade, respeito e amor ao próximo.

Dentro deste objetivo existem outros mais específicos que são o de servir de oficina para o exercício do amor ao próximo, oferecer reflexões sobre o significado da verdadeira caridade, levar o trabalhador a refletir sobre a necessidade de exercitarmos o desapego aos bens materiais e desenvolver no trabalhador a percepção de que todos, sem exceção, podem ser úteis.

Atualmente as duas viagens são realizadas nas comunidades do rio Cuieiras, com a diferença que, no meio do ano, tem-se buscado levar o mínimo possível de coisas materiais, estimulando o trabalhador a oferecer aquilo que de bom já conquistou, e oportunizando-lhe auscultar seus sentimentos, e assim levá-lo a perceber seus comprometerimentos e compromissos com os povos amazônicos.

1.3 A atividade em si

O grupo tem sua dinâmica organizada com focos destinados aos seguintes propósitos:

1.3.1 Atendimento, em caráter emergencial, das necessidades materiais, tais como: roupas, gêneros alimentícios, brinquedos e outros possíveis, dos que vivem nas comunidades ribeirinhas, nas margens dos rios do Amazonas;

1.3.2 Levar o consolo, o alívio e a esperança em face das dificuldades vividas pelas comunidades visitadas;

1.3.3 Atenção e dedicação especiais às carências afetivas, morais apresentadas pelos ribeirinhos;

1.3.4 Relembrar, através da prática em conjunto com a comunidade, a necessidade da prece como recurso divino de manutenção da fé (Sugere-se aqui a utilização do Pai Nosso, pela sua característica universal).

Nos meses que antecedem as viagens são realizados encontros mensais destinados tanto ao estudo de temas que sugerem a caridade, a prática do bem e o amor ao próximo, como também às deliberações sobre assuntos pendentes, que digam respeito aos interesses do grupo.

Para ultimar as providências para a efetivação das viagens são realizados encontros semanais. Os trabalhadores da atividade deverão empenhar-se para se fazerem presentes nas reuniões agendadas, a fim de que se solidifique a vivência de um clima de paz, harmonia e vinculação com a atividade, elementos indispensáveis

para a consecução dos objetivos estabelecidos. Por isso temos como requisito, para participar das viagens, a participação nestes encontros que a antecedem.

Para as viagens de dezembro, os trabalhadores preparam uma pequena apresentação teatral, para os ribeirinhos, com cunho evangélico e temas que envolvam o meio ambiente.

Durante a viagem, os trabalhadores tomam o desjejum no horário compreendido entre 06h30min e as 07h30min. Logo após, é realizada a leitura de uma mensagem seguida de comentários sobre a mesma e uma prece como abertura dos trabalhos previstos para o dia.

Ao desembarcarem nas comunidades, vão ao encontro daqueles que na maioria das vezes já lhes aguardam com ansiedade, onde abraços fraternos e palavras de carinho são trocados. Se estiver programada a apresentação teatral, busca-se o local ideal na comunidade, para a realização da mesma. Logo após estes momentos de convivência, onde cada um busca satisfazer os anseios de seus corações, buscando ressignificar estes encontros, seja com brincadeiras com as crianças ou um diálogo fraterno, etc. Se estiver programada a apresentação teatral, é neste momento que a mesma se realiza. Logo após é feita a distribuição do material que foi levado com esta finalidade. E antes de partir é feito um convite para juntos fazerem uma prece de encerramento da visita.

O horário entre 12h e 13h é destinado ao almoço e breve descanso. Até as 17 h, todos os trabalhos do dia são encerrados, para que as 18h o grupo possa se reunir para, após uma prece inicial, realizar uma avaliação do dia, contextualizando-se, nessa oportunidade, as observações referentes às necessidades de pequenos ajustes na mecânica de funcionamento, além de servir de ensejo para as reflexões individuais sobre o quanto os trabalhos do dia serviram de instrumento para a reforma íntima de cada um.

Logo após estes momentos, os trabalhadores tem o restante do tempo livre, para fazerem a refeição noturna e o que lhes aprouver.

E assim ocorre durante os dias subsequentes.

Na viagem de retorno para Manaus, o grupo se reúne para uma prece de encerramento da atividade e avaliação do aprendizado realizado. Preferencialmente até quinze dias após a viagem, ocorre uma avaliação que conta com a participação direta dos espíritos (mediúnica).

2. OS BENEFICIADOS

O esclarecimento possibilita à criatura em marcha evolutiva uma melhor compreensão das Leis de Deus, além de privilegiar, conseqüentemente, a adoção de novas posturas em relação ao comportamento do indivíduo diante dos fatos que a vida diária lhe traz. Assim, o sofrimento alheio se apresenta como uma oportunidade de exemplificar o desapego às coisas materiais, para se cultivar a prática do bem e do amor ao próximo, despertando no ser os sentimentos de fraternidade e solidariedade.

Além do salário amoedado o trabalho se faz invariavelmente, seguido de remuneração espiritual respectiva, da qual salientamos alguns dos itens mais significativos: acende a luz da experiência, ensina-nos a conhecer as dificuldades e problemas do próximo, induzindo-nos, por isso mesmo, a respeitá-lo, promove a auto-educação, desenvolve a criatividade e a noção de valor do tempo, imuniza contra os perigos da aventura e do tédio, estabelece apreço em nossa área de ação, dilata o entendimento, amplia-nos o campo das relações afetivas, atrai simpatia e colaboração,

extingue, a pouco e pouco, as tendências inferiores que ainda estejamos trazendo de existências passadas.²⁵¹

Ao embarcar para uma viagem, o trabalhador não apenas vai ao encontro dos nossos irmãos ribeirinhos, mas principalmente ao encontro dele mesmo, assim como fez Paulo de Tarso, quando em sua viagem ao Deserto.

O Senhor conferiu-te a tarefa de sementeiro, tens muito boa vontade, mas que faz um homem recebendo encargos dessa natureza? Antes de tudo, procura ajuntar as sementes no seu mealheiro particular para que o esforço seja profícuo.²⁵²

Hoje os trabalhadores da atividade, já percebem a necessidade interior de reparar o que fizeram no passado em outras encarnações. Muitos vieram de outras regiões, pelas mais diferentes razões, como que impulsionados a estar nestas plagas, para colocar em prática seus compromissos assumidos durante seu planejamento reencarnatório.

A prática do bem é instrumento que nos aproxima de Deus, conforme se pode concluir observando a passagem evangélica em destaque:

Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? [...] Responderá o Rei: - Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.²⁵³

A caridade é a prática que nos redime diante dos inúmeros equívocos que cometemos na caminhada para a felicidade, conforme assevera Pedro: *“o Amor cobre uma multidão de pecados”*.

Como que em um processo autoiluminativo, os trabalhadores ora atuam como executores da atividade e ora como assistidos da atividade. E nessa troca de papéis vão desenvolvendo o sentimento de irmandade, onde sentem responsáveis uns pelos outros.

O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progredem simultaneamente e do mesmo modo. Dá-se então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio do contato social.²⁵⁴

Assim na realidade o que se percebe é que esta atividade tem como maiores assistidos os seus próprios trabalhadores, por lhes propiciar muitas experiência e reflexões, as quais normalmente não são possíveis em seu cotidiano.

3. OS BENEFÍCIOS

Ao retornar de cada viagem, os trabalhadores trazem um manancial de novos aprendizados, adquiridos no contato com a gente simples e cheia de sabedoria que fazem da natureza o seu templo, e se sentem estimulados a aplicá-los em seu dia a dia.

²⁵¹ Mensagem de Emmanuel: 65 – REMUNERAÇÃO ESPIRITUAL – Livro Perante Jesus

²⁵² Paulo e Estevão - Cap. Rumo ao Deserto

²⁵³ Matheus, 25:35 a 40

²⁵⁴ Questão 779 - O Livro Dos Espíritos

A senhora Antonina, uma das ribeirinhas que é atendida pela atividade, certo dia colocou que: *“Quando estou na minha roça capinando, com meu suor derramando pelo meu rosto, eu sei que meu Pai está me olhando”*.

É um choque de realidade, quando se vê irmãos ribeirinhos que vivem com tão pouco e com tamanha resignação diante de situações tão adversas, como na época das grandes cheias. Muitos trabalhadores se sentem tocados no mais profundo do ser o que os faz ver o quanto possuem e que muitas vezes ainda se sentem abandonados por Deus.

Os exemplos de fé que os ribeirinhos dão, da fé de quem simplesmente sabe que não está desamparado, proporciona aos trabalhadores relembrar momentos em que se desesperaram diante de uma dificuldade, e que depois de solucionada, perceberam que não era tão grande quanto parecia.

A alegria com que os ribeirinhos abrem as portas de suas casas, ofertando o pouco que possuem, sem perguntar quem são os trabalhadores que ali chegam, que fé professam ou até mesmo se a tem, levam os trabalhadores a ver que muitas vezes tem dificuldades para dar um simples bom dia, um sorriso para aqueles que lhes compartilham da mesma casa.

Quanta generosidade os irmãos ribeirinhos demonstram ao repartir um pedaço da caça ou os poucos peixes que conseguiram pescar, com o vizinho que naquele dia não tem o que comer. Com este verdadeiro exemplo de caridade, os trabalhadores da atividade por vezes refletem que, já até se sentiram incomodados com alguém que lhes pediu “uns trocados” para comprar um pão para lhe saciar a fome.

Os ribeirinhos não sabem os nomes dos trabalhadores que chegam durante a atividade, mas mesmo assim os abraçam como se fossem velhos amigos. Isto faz com que estes mesmos trabalhadores lembrem das vezes que chamam de amigos aqueles a quem mal toleram a presença.

São inúmeros os exemplos de caridade, de amor ao próximo que são obtidos com a atividade do Oficina. A convivência entre os trabalhadores antes e durante a viagem também são motivo de muitas reflexões.

São inumeráveis as oportunidades de exercitar os ensinamentos de Jesus, de refletir sobre tudo que pode ser melhorado intimamente por cada trabalhador da atividade e principalmente refletir sobre os comprometimentos e compromissos assumidos nesta região.

4. CONCLUSÃO

Aquele que souber aproveitar todas as oportunidades de crescimento que a atividade oferece, usufruirá dos frutos como disse Paulo: *O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos.*²⁵⁵

Os frutos virão nesta atividade para aqueles que souberem fazer de cada momento nela vivido, um momento de reflexão sobre seus atos atuais e do passado. Todos aqueles que conseguirem fazer esta autoavaliação, poderão entender as suas relações com esta região e com os que aqui estão, mudando suas atitudes e podendo conseguir assim aquietar seu coração cumprindo com seus compromissos assumidos.

²⁵⁵ Paulo: Timóteo, 2:6”

5. O QUE APRENDI SOBRE MIM MESMA – NILZA

Para escrever este artigo fiz uma viagem nos mais de 20 anos no Oficina do Amor. Revivi momentos maravilhosos, mas também outros em que vivi conflitos internos muito grandes diante das dificuldades, que são normais em atividades como esta.

Estes conflitos por inúmeras vezes me fizeram querer desistir e, no momento exato da desistência, eu recuava e reunia forças que nem sabia que as tinha e continuava.

Enquanto escrevia este artigo, percebi que os motivos da não desistência, além do amparo espiritual, que sei que é sempre grandioso, não eram somente por um sentimento de culpa, que foi sendo trabalhado ao longo destes anos ou tão pouco não eram por um senso de responsabilidade, conforme me habituei a dizer.

Minha alegria foi tamanha ao descobrir que um sentimento muito mais nobre, tem me mantido firme. É um desejo grande de fazer o certo, de navegar pelos mesmos rios existenciais, agora, com a bandeira da paz e do Amor.

Neste mergulho interior, percebi também que durante todos esses anos, estive preocupada com a condução da atividade e, com isso, muitas vezes exigi do outro aquilo que ele ainda não podia dar.

Necessário se faz que meu olhar se volte para mim, respeitando o tempo daqueles que buscam ao meu lado seu próprio aprendizado. Apesar disto sinto que houve progresso, pois hoje me sinto uma pessoa melhor e mais feliz, pois a cada desafio superado vejo como uma conquista deste novo ser, que está sendo construído com muito esforço.

Agora motivada por estas descobertas, sinto um sincero desejo de expandir o aprendizado, deixando meu coração totalmente disponível para receber o rico manancial de ensinamentos que o Oficina do Amor proporciona aos seus participantes. E assim transformar aquele Ser orgulhoso, que um dia habitou estas Terras Amazônicas, em um humilde aprendiz sequioso por adquirir os ensinamentos que outrora não soubera aproveitar.

Minha amiga Espiritual me inspirou a seguinte frase: “passado, presente e futuro se misturam quando o som e o suave perfume da natureza nos impulsionam a escrever uma nova e bela história, como a semente que cai da árvore generosa e ao tocar o solo, agora adubado pelas folhas secas da desilusão e pelos ensinamentos da doutrina Espírita, começa a germinar. A semente começa seu processo de germinação, requerendo de mim, a cultivadora, trabalho árduo e carinhoso para que possa crescer com segurança, vencendo os desafios aqui detectados e os novos que virão”

Este novo olhar está sendo libertador, dando-me um novo ânimo.

Oficina do Amor, Oficina de luz em minha vida!

Meu sentimento é de gratidão por mais este grande aprendizado.

6. O QUE APRENDI SOBRE MIM MESMO – ODÉCIO

A decisão de participar da elaboração deste artigo veio quando a necessidade de compartilhar com outras pessoas tudo que a atividade Oficina do Amor pode nos trazer de bom, foi maior do que qualquer questão individual que eu tivesse. Algo me impulsionou nesta direção mesmo tendo ideia de todo o esforço que isso me seria exigido.

Sempre tenho em mente as palavras de Bezerra de Menezes, que em mensagem psicofônica através de Divaldo Franco, no 3º Congresso Espírita Brasileiro em Brasília, no ano de 2010, disse que:

“...firmaste um compromisso com Jesus antes que mergulhasse na indumentária carnal, de servi-Lo com abnegação e devotamento.

Prometeste que Lhe serieis fiel, mesmo que vos fosse exigido o sacrifício... as mudanças morais são inadiáveis...”

O que realmente foi ocorrendo durante a elaboração do texto base, foi que tudo o que sempre foi vivenciado durante as atividades do Oficina do Amor parecia estar passando como um filme em minha mente. Cada detalhe dos diversos momentos de preparação para as viagens, de cada momento do que já vivenciamos no barco do Oficina, cada avaliação pós-viagem, com as mediúnicas específicas, estavam aflorando em recordações e principalmente em reflexões.

Muita coisa foi reavaliada por mim, durante os momentos a frente do computador em que estava elaborando parte do texto deste artigo, principalmente a aplicação de todos os aprendizados em minha vida. Com certeza, esta atividade de elaboração era necessária em minha vida, para fortalecer muitos conceitos que já tinha na teoria, mas ainda relutava em aplicá-los em meu dia a dia. Não se trata de dizer que mudei de uma hora para outra, pois isto seria muita pretensão minha, mas com certeza foi mais um “tijolinho” que coloquei na escada de minha evolução.

Organização, dedicação, família, amizade, são questões que com certeza consegui uma melhoria em minhas atitudes, durante estes meses de participação na elaboração deste artigo.

O sentimento que tenho durante as atividades antes da viagem, durante cada roupa arrumada, cada brinquedo embalado, cada rancho montado é de que estou me preparando para devolver cada item material retirado, usurpado, dos que aqui moravam no passado.

O sentimento que tenho durante a viagem é da necessidade do perdão, da tentativa de me aproximar dos irmãos que aqui vivem às margens dos nossos rios, para exercitar o bem, para reparar o mal que fiz anteriormente. Tenho a necessidade de devolver em amor aos nossos ribeirinhos, tudo que retirei de expectativas, de sonhos, de realidades e de ilusões no passado.

O sentimento que tenho após a viagem do Oficina do Amor, é de que posso realizar muito mais, de que devo dar graças Deus por tudo que tenho e por todas as oportunidades nesta reencarnação de ajudar o próximo, esteja ele às margens dos rios ou ao meu lado em casa, no trabalho, nas ruas, em todos os lugares onde posso trocar experiências com meu próximo.

Não é sentimento de que o trabalho foi realizado, não é isso! Tenho o sentimento de que um pouco do que devia foi resgatado e, que literalmente o ganho obtido com a viagem, é muito maior para mim do que para qualquer ribeirinho que tive contato.

Sinto que tenho enormes comprometimentos e compromissos com esta região. Não é à toa que minha vida tem sido canalizada para esta região. Hoje entendo minhas idas e vindas para cá. A natureza e as pessoas que aqui habitam me fazem sentir que tenho muita ligação com todo este conjunto. Daí sinto a necessidade de aqui estar, conviver e interagir praticando tudo que tenho aprendido nestes anos de Doutrina Espírita e de tentativa de reforma íntima.

Agora, depois destes vários meses de elaboração deste artigo, refletindo sobre a atividade do Oficina, refletindo sobre o que eu tenho vivido através dela, refletindo sobre os resultados que ela me trás, vejo que esse “impulso” que tive, foi obviamente porque esse foi um dos compromissos por mim assumido. Deixar registrado um pouco destes benefícios que recebo, para que no futuro, outros talvez possam também ser beneficiados.

Enfim, a atividade do Oficina do Amor me ajuda a tentar colocar em prática em meu dia, os ensinamentos que Jesus nos deixou. Muitas vezes caio, esmoreço,

mas tenho conseguido forças para continuar minha caminhada nesta vida. Com certeza não é o único instrumento que tenho ao meu alcance, mas com certeza é um dos que mais me tem dado ferramentas para isso, considerando os comprometimentos e compromissos de minha realidade.

Agradeço a Deus e aos mensageiros espirituais que ficaram responsáveis por me guiar nesta jornada, pois muitas vezes quando tudo parecia sem saída, sempre aparecia uma alternativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 2010.

XAVIER, Francisco C. **Paulo e Estevão**. Pelo Espírito Emmanuel. 40 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

XAVIER, Francisco C. **Perante Jesus**. Pelo Espírito Emmanuel. 1ª ed. São Paulo: IDEAL, 1990.

Bíblia de Jerusalém. PAULUS, São Paulo, 2002.